



“DIFICULDADES E POSSIBILIDADES DO ENSINO DA GINÁSTICA NA ESCOLA”: A VISÃO DOS ACADÉMICOS DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFPEL/RS

Eduarda Vesfal Dutra²¹³

eduarda.dutra1@hotmail.com

Naiélen Rodrigues Silveira²¹⁴

naielenrodrigues@hotmail.com

Andrize Ramires Costa²¹⁵

andrize.costa@gmail.com

Entendendo a ginástica como uma das formas de conhecimento significativas à formação do humano e nem sempre potencializadas no sistema educacional. O objetivo deste estudo foi analisar a visão dos discentes do curso de licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Pelotas/RS (UFPel) sobre a inserção da ginástica como conteúdo curricular, investigando suas possibilidades e dificuldades nas aulas de Educação Física nos anos iniciais do ensino fundamental. A ginástica, mesmo nas suas formas desportivizadas, vem sendo pouco praticada nas escolas de forma expressiva e significativa (SCHIAVON; NISTA-PICCOLO, 2004). Entretanto, de acordo com a nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de 2017, que diz respeito à Educação Física (EF) nos anos iniciais de 1º há 5º ano do ensino fundamental, destina-se que seja aplicada como conteúdo curricular a Ginástica Geral, oportunizando aos estudantes fruir e experimentar, de forma individual e coletiva, combinações de diferentes elementos da ginástica. A ginástica é uma atividade corporal completa e seu universo no âmbito escolar é muito abrangente, pois há diversas possibilidades de manifestações com ou sem aparelhos, contribuindo para o desenvolvimento das crianças, nos seus aspectos físicos, psíquicos e sociais (SOUZA, 1997). Esta pesquisa se classifica como qualitativa, de caráter descritiva onde participaram do estudo 26 acadêmicos, regularmente matriculados entre o quinto e sexto semestre do curso de licenciatura em EF da UFPel. Como instrumento de coleta de dados foi utilizado um questionário com perguntas estruturadas e semiestruturadas, todos os participantes concordaram em participar da pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Os dados foram coletados na Escola Superior de Educação Física (ESEF). Como resultados podemos observar que quando interrogados se já haviam cursado as disciplinas de ginástica oferecidas pela ESEF, todos os discentes manifestaram que já cursaram pelos menos duas disciplinas de ginástica, totalizando 25 alunos a Ginástica Artística oferecida no terceiro semestre, 23 alunos a Ginástica Escolar ofertada no quarto semestre e oito a Ginástica Rítmica disponibilizada na grade curricular do curso como optativa. Ao responderem a questão estruturada do questionário, sobre a importância das disciplinas de ginásticas serem obrigatórias no currículo, 24 discentes alegaram que é importante, e apenas dois alunos manifestaram que não consideram importantes as disciplinas de ginásticas. Este resultado evidencia que existe a compreensão por parte dos discentes que precisam estar preparados para intervir com a ginástica na realidade escolar, mesmo conhecendo os limites existentes para sua realização (RINALDI, 2008). Ao questionados, sobre o total de disciplinas de ginásticas cursadas estaria os preparando

²¹³ Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

²¹⁴ Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

²¹⁵ Universidade Federal de Pelotas (UFPel).



Ecos da história: territorialização da GPT no Brasil

suficientemente para ministrar suas futuras aulas, foi aplicada uma escala decrescente de excelente; ótimo; muito bom; bom; regular; e insuficiente. Foi analisado que os discentes expressam suas opiniões de maneiras diversificados sobre este questionamento, considerando os seguintes resultados, 6 excelentes; 5 ótimos; 9 muito bons; 3 bons e 3 regulares. Sobre suas vivências anteriores com as práticas da ginástica nos anos iniciais durante os anos escolares, foi identificado que apenas dois dos alunos tiveram conteúdos gímnicos, os demais graduandos afirmaram não ter ginástica, citando como motivo principal o conhecimento insuficiente; a não disponibilidade dos professores; e a falta de materiais necessários na escola. A escassez de materiais necessários, a carência de local apropriado e a irregular formação profissional, são os principais motivos que justificam a ausência das modalidades gímnicas nas escolas (RINALDI, CESARIO, 2010; TOLEDO, 1999; AYOUB, 1998). Na perspectiva de quando estiverem licenciando foram questionados se trabalharão com os conteúdos gímnicos, dos 26 apenas três discentes não trabalharão, pois descrevem não ter afinidade, conhecimento e preparo suficiente para transmitir os conteúdos, os demais relataram que trabalharão com a ginástica por acreditar que ela é de extrema importância, pois contribui para o desenvolvimento e expressão corporal, ajudando na quebra de tabus e preconceitos permanecidos na escola. Tem-se o relato de um dos entrevistados: “Julgo importante por ser um conteúdo amplo com diversas possibilidades pedagógicas, e de grande potencial no desenvolvimento motor e das capacidades físicas das crianças” (aluno 2). Logo questionado o grau de importância que os mesmos classificam a ginástica no âmbito escolar, contendo quatro alternativas distribuídas em muito importante; importante; pouco importante e nada importante, na qual obtivemos o resultado de 50% como muito importante e o restante como importante. O resultado deixa claro que o trabalho com a ginástica pode ser realizado através de uma perspectiva lúdica, criando propostas pedagógicas que deem ao aluno uma metodologia criativa e construtiva a descobrir seus próprios movimentos (GAIO, 2008). Por fim, foi questionado se os discentes acreditam ter dificuldades para trabalhar a ginástica nas escolas. Desta forma, 14 entrevistados relataram que não terão dificuldade para trabalhar e os outros 12 mencionaram que sim. Desses 12 que manifestaram terem dificuldades, as respostas mais citadas foram a falta de estrutura, materiais adequados, aceitação dos alunos, maneiras de transpor seus conhecimentos e não possuir experiência suficiente com o conteúdo, assim comprehende um dos entrevistados: “A falta de materiais disponíveis e a cultura machista passada de pai para filho” (aluno 3). Conclui-se nesta pesquisa, que apesar dos acadêmicos conhecerem as diversas contribuições que as modalidades gímnicas oferecem aos seus praticantes, há um tímido desenvolvimento no contexto escolar, contudo os mesmos acreditam que a ginástica pode ser desenvolvida de forma lúdica, em espaços variados, com materiais alternativos sendo confeccionados pelos próprios alunos, utilizando a criatividade e enriquecendo o processo de desenvolvimento dos estudantes.

Palavras-chave: *Ginástica; Escola; Acadêmicos; Educação Física.*

Referências:

- AYOUB, Eliana. **A ginástica geral na sociedade contemporânea: perspectivas para a educação física escolar.** Campinas, 1998. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular-3º versão.** Brasília, DF, 2017.
- GAIO, Roberta. **Ginástica Rítmica: da Iniciação ao Alto Nível.** Jundiaí: Fontoura, 2008. p. 15-30.



RINALDI, Ieda Parra Barbosa. Saberes Ginásticos Necessários à Formação Profissional em Educação Física: Encaminhamentos para uma Estruturação Curricular. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 29, n. 2, p. 227-243, jan. 2008.

RINALDI, Ieda Parra Barbosa; CESÁRIO, Marilene. Ginástica Rítmica: da compreensão de sua prática na realidade escolar à busca de possibilidades de intervenção. In: **Possibilidades da ginástica Rítmica**. São Paulo: Phorte, 2010. Pág. 295-323.

SCHIAVON, Laurita; PICCOLO, Vilma Nista. A GINÁSTICA VAI À ESCOLA. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, Porto Alegre, v. 13, n. 3, p. 131-150, abr. 2008. ISSN 1982-8918. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/3572>>. Acesso em: 19 jun. 2019.

SOUZA, Elizabeth Poliello Machado De. **Ginástica Geral: uma área do conhecimento da Educação Física**. Tese de Doutorado, UNICAMP, Faculdade de Educação Física, Campinas (São Paulo), 1997.

TOLEDO, Eliane de. **Proposta de conteúdos para a ginástica escolar: um paralelo com a Teoria de Coll**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999